



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

O PÚBLICO QUER BOM TEATRO¹

Lindanor Celina

O público quer teatro de verdade, isto não é de hoje. Vivemos nos queixando que o povo só acorre às chanchadas; que quando encenamos algo de mais valia, não tem ninguém pra ver, e isto derrota com o ânimo do artista, dá mesmo uma vontade, vendo a sala oquinha, de largar mão de tudo e cuidar de outra vida. Não fosse a paixão, está espécie de desvairada pertinácia que o idealismo traz, palavra, os que pretendem fazer teatro em Belém há muito se teriam voltado para outros interesses. Ainda bem que a Arte é assim como um demônio, um santo demônio, que entra na pele dum, e ele fica possesso e só está bem quando está lutando, sofrendo, se consumindo nas labaredas do doce inferno.

O povo gosta de teatro. Mais, anseia, dá a via por um espetáculo. Não é sua culpa se até agora aprendeu a apreciar quase só o que é ruim, a valorizar o medíocre.

Veza em quando tenho uma prova disso, rara, isolada, mas que dá para manter a fé no bom gosto latente do público. Não viram como a nossa plateia reagiu bem perante “O Pagador de Promessas”? quando Norte Teatro Escola levou “A Cantora Careca”, e Cláudio encenou “A Compadecida”, oito vezes encarrilhadas, no colégio Nazaré?

¹ CELINA, Lindanor. *O público quer bom teatro*. Jornal *A Província do Pará*, 2º Caderno. Domingo, 04/11/1962.

Acervo da pesquisa “Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)”, do Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra.

O povo quer bom teatro. Se não vai lá, é que não tem mesmo não sabe, não foi industriado na arte de pensar um espetáculo, porque ir ao teatro é como ouvir boa música, e aprende.

Mais um indício de tal interesse eu tive, um dia desses, quando, depois da publicação de uma cena de Gil Vicente, várias pessoas vieram a mim, numa curiosidade nem sintomática: “Lindanor, tu és dessas coisas, me conta como é mesmo do teatro de vocês, e conta, que nós queremos ver”.

Expliquei, repetindo mais ou menos o que os jornais têm dito, o que o professor Amir Haddad tão bem explanou em entrevista a um dos nossos matutinos: que está a primeira exibição (após um curto ano letivo – seis meses apenas) do Curso de Iniciação Teatral da Universidade do Pará. Espécie de teste público, onde o examinador será a própria plateia. São quatro peças, mas não se assustem, cada uma é um ato. Através dela o povo verá o fruto de seis meses de aula do prof. Amir Haddad a seus alunos, alguns dos quais jamais haviam pisado num palco.

Uma pena eu tenho, mas isto é uma velha lamúria: não vemos esse espetáculo no Teatro da Paz. Paciência. A direção e os artistas farão p milagre no auditorium da SAI. Porque os prodígios, mormente os de boa vontade, existem, são deste mundo mesmo, depende de se querer as coisas com entusiasmo e paixão.

Ora pois, é o público, é você, leitor quem vai apreciar o trabalho dessa equipe. Contamos com você, na certeza de que não nos faltará, nessa temporada teatral de 10 a 15 deste mês, na SAI. Para dizer um SIM animador aos que lutam por algo de nobre e verdadeiro neste Pará. Afirmar-lhes que pedem e devem prosseguir, que não estão sós, mas que têm a seu lado a maior força que existe – o povo (até parece discurso político, mas embarquei sem querer nesse tom e nele vou até o fim). Este povo injustamente acusado de só divertir com o grasnar de Zé Trindade, as banhas de Violeta Ferraz ou com as piadas salgadíssimas de Milton Carneiro. Público malamado, se recorreu a tão sucedâneos da arte, é que praticamente não lhe ofereceram mais nada. Do momento em que tiver algo de bom para aplaudir, ali estará, rente. Porque, isto eu sinto, o povo, em derradeira análise tem em sim, ainda que em germe, escondidinho, o gosto, o saber despertar esse amor.